

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Mãos que trabalham para a arte

Sandra Cristina Stringuetti

Campinas

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MÃOS QUE TRABALHAM PARA ARTE

Sandra Cristina Stringuetti

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia PROESF – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas – da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como pré-requisito para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

Campinas

2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Stringuetti, Sandra Cristina.
St86m A Afetividade entre professor e aluno : memorial de formação / Sandra
Cristina Stringuetti. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-427-BFE

Dedico este Memorial de Formação a todas as pessoas que participam direta ou indiretamente do processo educativo de uma criança. Porque todos são responsáveis pela educação desta criança. E a toda criança, que é o motivo maior de nossos estudos.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter me concedido a oportunidade de nascer em uma família especial que me apoiou em todos os momentos, desde de minha primeira tentativa frustrada de entrar para o PROESF, até agora.

À minha mãe por correr com o jantar ou café para que eu não saísse com fome na noite longa que viria.

Ao meu pai por ter ficado no estacionamento no momento do vestibular na Unicamp, me passando energia, por me resgatar quando o carro quebrava na estrada, sempre com bom humor, e depois quando comecei a utilizar a perua, ele continuou meu parceiro esperava chegar da faculdade todos os dias, até mesmo nas cobranças das faltas marcando no calendário os dias que faltava.

Ao meu marido por ter paciência, carinho, amor e por suportar meus momentos de nervosismo.

Agradeço ao curso PROESF por me dar á grande oportunidade de mudar, descobrindo uma nova professora em mim, por conhecer minhas amigas de classe, a quem agradeço por existirem e por fazerem do curso mais aconchegante, amizades que levarei comigo para sempre, por toda minha vida, lembrando dos momentos alegres, tristes que passamos juntas.

Agradeço a Deus por ter nos dado a lembrança, onde ficará guardada minha grande amiga Viviane, responsável por crises de risos que ajudavam as horas passarem com mais alegria, lágrimas de emoção com sua grande história de vida e de sucesso, uma amiga que jamais esquecerei. As amigas de perua que agüentavam o meu mau humor quando o cansaço batia e eu não conversava com ninguém.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	1
2. RELEMBRANDO O PASSADO.....	3
2.1 A CARTA.	4
3. MAGISTÉRIO “UM SONHO GLORIOSO”.	8
4. PROESF.	11
5. MUDANÇA PRESF “DOLORIDA”.....	15
6. MÃOS QUE TRABALHÃO PARA A ARTE.....	19
6.1. ESCULTURA DE JORNAL.....	21
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	26
10. ANEXO I.....	27
11. ANEXO II.....	30

APRESENTAÇÃO

Enquanto refletia para a elaboração do Memorial vários sentimentos foram acordados.

Relembrando o passado, com bases em minha vida, deixo claro como um professor ajuda ou atrapalha no desenvolvimento moral, físico e psicológico da criança, deixando nas mesmas marcas para o resto da vida.

E foi assim com esse pensamento em mente, que descrevi uma mudança fundamental em meu planejamento, na estrutura de minhas aulas. Um processo difícil, que marcou a mim e a meus alunos.

Com a apresentação da carta demonstro como uma professora sem afetividade transmite um conteúdo, castiga e marca profundamente uma criança. Magistério um sonho glorioso transmite a minha formação como professora, as dúvidas que surgiram, como foram tratadas essas dúvidas, erros que cometi como professora.

O PROESF, durante os três anos de curso, com dias de cansaço, lágrimas e descobertas, nos levou a pensarem nossa prática pedagógica, o que não foi bom em vários momentos, porque eu como professora sempre fui a detentora do saber absoluto, pois assim me foi ensinado no magistério, pois planejava o0 que era “melhor” para as minhas crianças, mas como saber, se nunca perguntei a elas, nunca observei, nem mesmo pensei em pedir a opinião para elas, que foram as mais interessadas no meu conteúdo.

Valeu cada momento de sufoco, agonia, correria só assim pude me transformar em um sujeito melhor, como poderão ver no decorrer do Memorial, aprendi a observar, sem impor minha presença, minhas regras, comecei a perguntar antes de ensinar um conteúdo sem valor para as crianças.

Mãos que trabalham para arte e esculturas de jornal mostra o significado do brincar, o jogo com o imaginário que a criança faz o tempo todo e como eu como professora aproveitei esse brincar para mudar as aulas.

No decorrer da leitura é possível visualizar cada momento dessa mudança, e concluo que se todas as professoras tivessem a oportunidade de

ter um curso como o PROESF em seu currículo, poderiam se tornar pessoas melhores, e o sucesso como ser humano seria garantido, assim como aconteceu comigo, por que como professora ainda não me sentia satisfeita com minha forma de dar aulas, e quando um professor consegue sucesso em sua forma de ensino as crianças são menos frustradas.

Por trás da frustração de meus alunos existia eu, uma professora fracassada, pois percebi meu fracasso como professora no decorrer do curso e é difícil perceber que estamos errados sem o auxílio de um curso como o PROESF, deixo aqui um convite para a leitura e quem sabe despertar assim o desejo de mudar.

1- RELEMBRANDO O PASSADO

“As crianças pequenas são seres humanos portadores de todas as melhores potencialidades da espécie: inteligentes, curiosas, animadas, brincalhonas em busca de relacionamento gratificantes, pois descobertas, entendimento, afeto, amor, brincadeira, bom humor e segurança trazem bem estar e felicidade; tagarelas desvelando todos os sentidos e significados das múltiplas linguagens de comunicação por onde a vida se explica; inquietas, pois tudo deve ser descoberto e compreendido, num mundo que é sempre novo a cada manhã; encantadas, fascinadas, solidárias e cooperativas desde que o contexto a seu redor, e principalmente, nós adultos/educadores, saibamos responder, provocar e apoiar o encantamento, a fascinação, a generosidade e a participação.”

(Assis, p22, 1998)

No segundo semestre de 2005, entrei para o PROESF com dez anos de experiências como professora. Eu fiz o magistério porque queria ser diferente de tantas professoras que por minha longa jornada de estudos conheci.

Começo meu Memorial contando o primeiro dia de aula Teoria Pedagógica e Língua Portuguesa, onde a Assistente Pedagógica Maria Cristina R. M. Pellisson pediu uma atividade para conhecer a classe. Para verificar com quais pessoas ou professores foram nossos contatos na época da alfabetização e que importância (positiva ou negativa) esses seres tiveram para nós, qual sentimento esta experiência trouxe, se foi agradável nossa entrada ao mundo letrado. Era para escrevermos uma carta para quem nos apresentou à escrita e como havia sido essa apresentação...

Esse momento foi revelador porque foi responsável por todas as mudanças que ocorreram em minha forma de dar aula. Mas quando a Assistente Pedagógica pediu uma simples carta para a pessoa que nos ensinou à escrita entendi que eu não era a professora que sonhei ser, e pior eu era o espelho de minhas professoras. Kupfer escreveu em um artigo sobre *Freud, o que ele pensa sobre o professor que o seu poder indevidamente, “que um professor pode ser ouvido quando está revestido por seu aluno de uma importância especial. Graças a essa importância, o mestre passa a ter em mãos um poder de influência sobre o seu aluno”.* (kupfer, 1992,)

1.1 “A Carta”

Americana, 04 de agosto de 2005.

Cara amiga professora da pré-escola espero que esta carta chegue em mãos, e que também encontre-a trabalhando na mesma profissão, pois gostaria de lhe contar como estou agora vinte e cinco anos depois de passar por suas mãos, tenho alguns elogios e críticas para fazer em relação a minha pessoa.

Lembro-me muito bem de como aprendi o alfabeto, e quantas vezes fiquei de castigo na mesa com os meninos porque não havia entendido a explicação, me deixou sem recreio várias vezes, por estar brincando, deixei de gostar de sagu porque fiquei sem em um de seus castigos. A mágoa foi tão grande que não posso comer hoje, nem sentir o cheiro é engraçado eu gostava, e fiquei sem recreio sem a comida porque você esqueceu de mim na sala de aula com a minha mesinha de crianças escolhidas porque pintaram a flor de outra cor, e não de vermelha como o seu modelo, que motivo mais estranho para ficar sem comer, porque pintei minha flor de preta e roxa, eu havia gostado e nem pensei para usar as cores só peguei e pronto. O que magoa é que sempre fui gordinha e deixar uma gordinha sem comer é um pecado, até a merendeira falou isso a você nesse dia, bebemos leite que a merendeira fez na hora. E você pediu para ela guardar segredo, ela deve ter obedecido e eu também.

Penso que não foi sua culpa ser dessa forma, pelo menos ameniza o sentimento deixado. Lembro de seu rosto, seu sorriso e seu carinho eram bons, quando raramente surgiam, seu semblante mudava quando alguma criança lhe abraçava, é o tempo precisou passar para eu perceber que você não gosta de abraços, lhe incomoda, e o olhar era de nojo, que triste demorei para ver tanta coisa.

Tenho um segredo para lhe contar, gosto muito de ler, mas não sou tão boa com a escrita, em algum momento me perdi com as letras e não sei onde ou como aconteceu.

Hoje também sou professora e tento não repetir o seu erro ou acerto não sei dizer mais gosto da minha forma de pensar, não cobro de minhas crianças a cor exata que quero dos desenhos mimeografados que aplico pois cada criança é única, não deixo eles de castigos por não fazer igual ao meu modelo, me lembro como se fosse hoje, o massacre que foi aprender a letra S de meu nome, não quero fazer o mesmo com meus alunos, desse tempo trago as músicas momentos raros de alegria e descontração, que gosto de lembrar e de passar para frente.

Você é ótima professora, não vou criticar. Com você ou por sua causa aprendi a ouvir sem perguntar, eu mudei um pouco e acho que vou melhorar, continuo procurando onde foi que eu me perdi na escrita, onde foi que perdi o gosto de escrever, acho que um dia eu encontro, enquanto isso continuo procurando...

Agradeço sua colaboração e deixo um grande abraço, sei que não gosta, mais deixo mesmo assim.

Beijos

Sandra Cristina Stringuetti.”

Assim foi minha introdução ao mundo letrado, com códigos que eu não entendia e que não faziam parte do meu mundo até então, e agora sem razão, sem motivo real, eu tinha que aprender decorar regras que nem faziam sentido para mim, e quando era perguntada, a resposta quase nunca explicativa ou talvez não compreendida pelos meus pensamentos. Muitas vezes em meio as explicações minha mente nem ali estava, por faltar interesse, ou simplesmente por estar em outros lugares mais interessantes para uma criança (o que eu faria para ganhar as bolinhas de gude no campinho atrás da minha casa, o que faria na hora do intervalo, se iria aos brinquedos de parque ou ficaria brincando de esconde com meus amigos, que também eram paqueras, o pensamento de uma criança voa, a imaginação ganha vida, e estava aprendendo com meus pensamentos só a professora não sabia disso). E Paulo Freire deixa claro em seus ensinamentos que o professor nunca deve ignorar o mundo da criança “o educador que castra a curiosidade do educando em nome da eficácia

memorização mecânica do ensino dos conteúdos. Tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica.” (p.63) me sentia um “elefantinho” sendo domesticado e todo o mundo que já existia não podia ser lembrado quando estava em sala de aula.

É, quantas vezes me peguei viajando em um mundo que era só meu, onde eu podia ser e fazer o que quisesse, sem a cobrança de estar certa sempre, errar era proibido e motivo de chacota para os amigos pois as professoras faziam questão de falar para sala toda onde você havia errado e rir com todo o resto da sala, nesses momentos sentia meu rosto arder, queria sumir, nunca mais ir estudar ou melhor poderia ser invisível, não ficar ali, quantas vezes as lágrimas queriam cair e um nó se formava na garganta impedindo de engolir. Mas não podia, estava ali e não sabia como lidar com a situação. E quando as lágrimas teimavam em cair o que piorava a cena, pois aquela que deveria estar ali para me ajudar, só queria me humilhar, magoar achei até que ela não me queria no grupo dela.

Só que o erro era constante no início e com o passar dos anos passou a ser disfarçado, quando não colado do amigo do lado.

Eu queria aprender sozinha, sem errar, só que para isso era preciso colar, fiquei boa na cola, escondia-as em lugares que ninguém poderia imaginar, quando não trocava as provas com o amigo que sabia responder e os erros começaram a desaparecer. Nessa nova fase de minha vida já não tinha motivos para rirem de mim. Como diz Paulo Freire todos os docentes deveriam *“saber que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (p.52)*. O aprendizado dos símbolos ficou mais fácil com minha nova técnica, produzi assim o meu conhecimento, as matérias que eu gostava ou as professoras com quem me afeiçoava eu nem precisava estudar ou colar, simplesmente prestava atenção e aprendia (por que tenho na lembrança ensinamentos que com elas aprendi e com todos estes anos ainda não esqueci e destas poucas eu tenho saudades). Se as professoras na época conhecessem Cortella, isso seria evitado, porque para ele *“Errar é, sem duvida, decorrência da busca e, pelo óbvio, só quem não busca na erra.nossa escola desqualifica o erro, atribuindo-*

lhe uma dimensão catastrófica, isso não significa que, ao revés, deva-se incentivá-lo, mas isso sim incorporá-lo como a possibilidade de se chegar a novos conhecimentos. Ser inteligente não é errar; é saber como aproveitar e lidar bem com os erros.”(Cortella, 2001,p.113)

MAGISTÉRIO “UM SONHO GLORIOSO”

Em 1991 entrei para o Magistério, foram quatro anos difíceis, mudança de escola perda de amigos, isolamento, um novo começo, onde todos sabiam mais que o resto do mundo, pois eram os melhores em tudo e por isso se destacavam.

Em uma escola onde o os “boyzinhos” da cidade estudavam, todos estavam preocupados em olhar com o nariz para cima, e nem se importavam com aqueles em quem tropeçavam pelo caminho.

As notas eram um instrumento de avaliação grandioso, pois através delas se classificavam as classes por letras e todos na unidade escolar sabiam, desde o faxineiro até a merendeira, os que tiravam notas ruins ou regulares estes já tinham destino certo. Esses alunos nunca tiveram a oportunidade de estar com os melhores da escola, sonho de consumo para muitos, que se matavam para ter o reconhecimento e mudar para a sala “A”(onde se encontravam os grandes estudiosos, os “melhores”, só os que tinham nota “dez” no mínimo nove) o que não aconteceu nem comigo, eu também era uma das sonhadoras. E esse fracasso era carregado como um fardo você decorava todos os ensinamentos, e depois devolvia como prova de aprendizado (como uma vaca, que ruma e reserva seu alimento para depois vomitar quando está com fome) nossa fome era nas avaliações.

No meio do Magistério surge como uma bomba um novo conceito de ensino, infalível, que mudou totalmente nossas aulas. As professoras foram enviadas Faculdade de Educação Unicamp, para fazerem o curso de extensão PROEPRE, aprender essa receita preciosa, o construtivismo de PIAGET para depois nos ensinar. O que aprendi nesse novo conceito de ensino que estava no auge, sabia demonstrar certinho o que se deveria fazer na educação infantil. Corrigir o erro era proibido, tinha que ser ignorado, pois em algum momento como mágica a criança ia aprender a forma certa de escrever a palavra. A correção inibia a criança, frustrava, fazia com que a ela saísse da escola, estava descoberto o motivo da grande evasão escolar. Era uma humilhação corrigir, os conteúdos tinham que surgir da criança, nas rodas de conversa, não se podia impor nada, as regras só podiam ter palavras amáveis o **não** era

proibido. E outros tantos erros gravíssimos, o castigo ganhou um novo nome agora era o cantinho para pensar, o que me levou a cometer os mesmos erros de minhas professoras.

Em um ano e meio as professoras do Magistério tentaram nos mostrar uma forma de dar aula, mas se percebia que elas mesmas às “vezes” não sabiam se o que falavam era verdade, pois seus discursos não convenciam a si próprias. O conceito foi aplicado em uma escola da cidade e todas as alunas do Magistério tinham que fazer estágio na escola que era modelo de construtivismo, tudo dava certo. Hoje apenas uma escola na Rede Municipal de Sumaré continua trabalhando com o conceito construtivista do PROEPRE que nos foi ensinado, por ordem da direção que acompanha todo o trabalho das professoras.

Depois de cumprir todos os requisitos, com notas satisfatórias, me tornei professora em 1994. E para a felicidade de minha família eu era a primeira a se formar em um curso superior, uma honra para meus pais que só estudaram até a quarta série primária aprendendo o suficiente para a época ler e escrever. A imagem que eu tinha de aula, era o construtivismo. Prestei o concurso Municipal em janeiro de 1995, e no mesmo ano assumi por quatro meses uma classe de pré escola, onde o ensinamento era a formatura, que foi um mega evento, nem me deixaram dar aula, as crianças ensaiavam quase a aula inteira, um fato corriqueiro nas escolas, hoje tento defender meus alunos, na minha sala de aula deixo sempre uma semana só para ensaios, com no máximo duas vezes a passagem da música, percebi que os pais não se importam com a coreografia e sim com a alegria que as crianças estão sentindo no momento da apresentação.

Em 1996 fui efetivada na Prefeitura Municipal de Sumaré agora a sala era minha e ninguém mais tirava. Uma classe no jardim um, desde o início do ano. Por alguns dias fiquei esperando surgir meu conteúdo das rodas de conversa, onde tudo era falado, menos sobre o corpo, conteúdo do primeiro bimestre. O que não aconteceu é claro, porque eu não sabia como fazer surgir e logo fui cobrada pelas amigas que me ensinaram a dar aula. A prática era diferente da teoria, diziam elas, a forma correta era pegar os modelinhos da

atividade pronto em uma pasta (toda a escola tem a sua pasta) e copiar adaptando para o nível que eu dava aula, jardim um (crianças de quatro anos). Era só diminuir o grau dificuldade (se fosse o modelo de um quebra cabeça do corpo, por exemplo, com cinco partes, só podia ter duas partes para poder ser aplicado no jardim um, para trabalhar o rosto eu tinha que ampliar o molde da face, por que meus alunos eram menores e as professoras acreditavam que eles tinham dificuldades de observar um molde menor, digo isso porque nunca entendi o motivo da ampliação dos modelos).

“Aprendi” a dar aula, e fiquei com tanto medo de errar novamente que continuei com a minha forma de trabalhar. Meus alunos desse ano “aprenderam” o alfabeto, tinham caderno de atividades, para copias da lousa, os pais estavam felizes comigo porque as crianças tinham caderno, levavam as pastas cheia de atividades, mimeografadas, não saíam para brincar, só um hora na sexta- feira com os brinquedos de casa, porque eu poderia ficar atrasada com o conteúdo e assim continuei meus ensinamentos até 2006. Em alguns momentos no decorrer dos anos eu até tentei ser diferente, em 2002 prestei o vestibular o PROESF, sai da Unicamp arrasada não fui bem, na prova, deixei uma pergunta sem resposta, e sabia que não iria passar, foi triste, chorei ali mesmo no ponto de ônibus, desisti de fazer o PROESF, mas não estava contente com minha postura como educadora. Por essa razão, em 2004 fui fazer a Escola de Extensão da Universidade Estadual de Campinas, o PROEPRE: Fundamentos Teórico e Prática Pedagógica para a Educação Infantil, com a professora Ester Cecília Baptistella.

Foi um curso que não me ajudou muito, por que é complicado trabalhar o que aprendi no curso, com uma sala numerosa como a minha, mas percebi o massacre que havia feito com a minha primeira sala de jardim um, e alterei algumas atividades, não aceitei caderno para os pequeno, e deixava eles brincarem nos cantinhos diversificado de jogos, porque só nesse momento era possível aplicar cantinhos.

2- PROESF

Começou a mudança logo no primeiro dia de aula, triste lembrar o passado, mas necessário. Foi possível perceber que eu cometia os mesmos erros de minhas professoras, só não fazia aquilo que me atingiu diretamente, mas as atividades eram iguais. Algumas amassadas pelo tempo, mas não deixavam de ser as mesmas, com uma florzinha aqui, uma borboletinha ali para dar nova cara. E os conteúdos trabalhados pela escola também eram os mesmo: dia das mães, pais, crianças, índio, natal, dengue, água e tantos outros, e eu e as outras professoras talvez por comodismo ou insegurança usávamos as atividades que “deram” certo no ano anterior. Isso faz com as atividades circulem anos e anos pela escola, tornando a escola um verdadeiro museu de atividades antigas: coelhos com suas cenouras para perfurar, meninas com suas rosas para as mães e os cartões, o professor vive preso a um conteúdo obrigatório e esquecendo do importante do aprendizado.

Foi quando em 2005 entrei para curso do PROESF. Afloraram sentimentos que tiraram a minha paz interior, por alguns momentos me senti uma louca, vivendo no tempo das cavernas, como descreve Chauí em seu relato sobre o mito da caverna *“Por causa da luz da fogueira e da posição ocupada por ela, os prisioneiros enxergavam na parede do fundo da caverna as sombras das estatuetas transportadas, mas sem poderem ver as próprias estatuetas, nem os homens que as transportam. Como jamais viram outra coisa, os prisioneiros imaginam que as sombras vistas são as próprias coisas.”* mesmo sabendo que o conceito de ensino que eu aplicava estava fracassado eu continuava ali sentada, “ olhando tudo pela parede do fundo”, aplicando atividades mimeografadas, com modelos prontos. E o que eu fazia para mudar?

“Que aconteceria, indaga Platão, se alguém libertasse prisioneiros? Que faria um prisioneiro libertado? Em primeiro lugar, olharia toda a caverna, veria os outros seres humanos, a mureta, as estatuetas e a fogueira. Embora dolorido pelos anos de imobilidade, começaria a caminhar, dirigindo-se à entrada da caverna e, deparando com o caminho ascendente, nele adentraria” (Chauí, 2000, p.46 e 47)

Quando uma professora vê tudo que acreditava ser errado, ela fica sem chão, é como se lhe roubassem o saber, cai em desespero, como trabalhar, eu queria mudar, mas o que, como e para que mudar estava tão bom do jeito que estava, todos estavam tão felizes eu, minhas amigas, os pais, a direção, algo novo, iria me fazer pensar, teria que ir atrás de novas atividades, trabalharia dobrado e pior será que iria dar certo?

Muitos por quês? Começam a bagunçar a cabeça de quem quer mudar, e foi assim um conflito esmagador. Eu sabia ser a professora que sempre fui. E estava descontente com meu trabalho. Mudar era preciso e quanto mais eu pensava e aprendia, mais nervosa eu ficava.

Começamos estudar Vygotsky que fala da importância do jogo simbólico para a criança, e o estudava com prazer por causa de uma fala da Assistente Pedagógica Maria Cristina R. M. Pellisson em sua aula de que nunca mais vou esquecer, e que me fez observar os gestos de meus alunos como parte do aprendizado, *“os gestos são a escrita no ar”* (08/11/2005).

“o gesto é signo visual que contém a futura escrita da criança, assim como sementes contém um futuro carvalho.” “os gestos são a escrita no ar, freqüentemente, simples gestos que foram fixados”. E como é importante esse brincar para o desenvolvimento da criança, “os objetos se transformam em outros, não importando a semelhança ou não dos objetos, porque são os gestos, barulhos, que dão sentido ao brinquedo ou seja “...o brinquedo simbólico das crianças pode ser entendido como um sistema muito complexo da fala através de gestos que comunicam e indicamos significados dos objetos usados para brincar.” “o mais importante é a utilização de alguns objetos como brinquedos e a possibilidades de executar, com eles, um gesto representativo. essa é a chave para toda a função simbólica do brinquedo para a criança” (Vygotski, 1998, p. 141, 142 e 143).

Sergio Leite fala que a afetividade tem que estar presente em toda atividade pedagógica, e que não pode ser confundida com o professor super bonzinho, que deixa as crianças fazerem da sala de aula o que quiserem. E que planejamento é um dos instrumentos de trabalho mais valioso para o professor.

“professor afetuoso não é o mesmo que professor “bonzinho” do ponto de vista das praticas pedagógicas, a dimensão afetiva, segundo ele, transparece na organização da aula, na metodologia adotada e no planejamento das atividades. “Isso tem um efeito enorme na auto-estima porque o aluno percebe que o professor esta interessado no seu sucesso”. Já as aulas mal planejadas, afirma, levam o aluno ao fracasso e, por conseqüência, à baixa estima. ”(jornal da Unicamp,2006,p.12)

Com tanta informação era impossível não mudar. Em Pesquisa Educacional, onde a Assistente Pedagógica Lindaurea S.C. Colmati nos mostrou a importância do registro *“Registrar é deixar marcas. Marcas que retratam uma história vivida...”* *“acredito que a escrita possibilite o acesso a camadas mais profundas de nós mesmos que, sem registro, poderiam não chegar ao nosso conhecimento”*(Warschauer,1993,p.61,65) entendi como observar minhas crianças que estavam o tempo todo junto comigo, fiéis. Depois de assistir o vídeo Narradores de Javé, onde conta a história de uma cidade que seria exterminada pelas águas, o povo se reuniu em assembléia, e declararam que para evitar este acontecimento, era preciso provar que a cidade era patrimônio, chamaram então o carteiro, o único que sabia escrever na cidade, para registrar um documento. O carteiro não conseguiu escrever o documento e a cidade foi inundada. Todos partiram em direção a um novo começo, o carteiro acompanhou, e começou a redigir a historia do povo, pois observava , e sabia que sua observação era real, fatos verdadeiros, já que o registro anterior não foi feito por que o povo aumentava, valorizava as histórias, e o que não esta registrado só fica na lembrança, não faz parte da história. Observando-as se fez necessário um registro mais detalhado, prática indispensável ao professor. Comecei a registrar minhas próprias aulas com muitas fotos, que congelam a ação, sendo possível fazer a leitura da mesma. Fiz de minha máquina digital um instrumento de trabalho, passo as fotos para o cd e assisto com as crianças, sendo possível de ser avaliada junto com meus alunos, eles adoram se vêem na televisão é um momento prazeroso. Tenho um grande acervo de minha trajetória para a mudança.

E foi em uma dessas observações, percebi que tudo que estava aprendendo era real, a criança não precisava de modelos para brincar, usava

sua imaginação o tempo todo, entendi o brinquedo simbólico (transformando um lápis de cor em homem,princesas,heróis,monstros...papéis eram bolas,apitos,aviões,casas...) e ninguém havia dado um modelo ou uma ordem para elas brincarem,apenas brincavam. Acredito que Mario Quintana estava pensando em Vygotsky quando escreveu “Mentira”, porque é a explicação mais simples e direta que já li sobre o brinquedo simbólico, explica em poucas palavras o mundo imaginário da criança.

“Lili vive no mundo do faz de conta... faz de conta que isto é um avião. Zzzuuuu...Depois aterrissou em piquê e virou trem. Tuc tuc tuc tuc ... entrou pelo túnel, chispando. Mas debaixo da mesa havia bandidos. Pum! Pum! Pum! O trem descarrilou. E o mocinho? Onde é que esta o mocinho?meu Deus! Onde é que está o mocinho?! No auge da confusão, levaram Lili para cama, à força. E o trem ficou tristemente derrubado no chão, fazendo de conta que era mesmo uma lata de sardinha.” (Mario Quintana, 2005, p.10)

Com o ato de observar tive uma grande idéia, digo grande porque as crianças amaram realizar cada atividade proposta por mim. Para colocar em prática minha mudança eu precisava ter a aprovação da direção, e para tanto eu tinha que provar que a atividade proposta tinha todos os objetivos do planejamento que construímos no início do ano, sem conhecer o público alvo para este planejamento usamos os PCNS para estabelecer os objetivos do ano e melhor havia todo um embasamento teórico, grandes pensadores serviam-me como suporte.

O processo de mudança foi se aperfeiçoando, e sem que percebesse estava mudando, o que me causou grandes problemas com as amigas de trabalho.

3-A MUDANÇA PROESF

Eu necessitava mudar urgente queria fazer de meus ensinamentos valiosos para as crianças que por mim passasse, já que para maioria delas sou a primeira professora, queria e continuo querendo ser diferente da minha professora da pré escola e tantas outras que tive no decorrer de minha longa trajetória pelas escolas, quero fazer de minhas aulas diversão, prazer. Sem alegria e prazer o aprendizado fica maçante, repetitivo, decorado e pode ser esquecido.

Comecei a olhar com outros olhos para meus alunos, e algo que eu nunca havia percebido até então era como a criança brinca com o imaginário, tudo em sua mão ágil se transforma rapidamente em outra. Macedo descreve perfeitamente o que descobri sobre este mundo do brinquedo simbólico.

“O símbolo como sabemos, é qualquer palavra, gesto, objeto ou índice que tem a propriedade de reunir, de recuperar aquilo que partiu, que não está presente.” “graças ao faz de conta, a criança pode imaginar, imitar, criar ou jogar simbolicamente e, assim, pouco a pouco, vai reconstituindo em esquemas verbais ou simbólicos tudo aquilo que desenvolveu em seus primeiros anos de vida. Com isso, pode ampliar seu mundo, estendendo ou aprofundando seus conhecimentos para além de seu próprio corpo; pode encurtar tempos, alargar espaços, substituir objetos, criar acontecimentos. Além disso, pode entrar no universo de sua cultura ou sociedade aprendendo costumes, regras e limites. No faz-de-conta, aquilo que a criança cria está atribuído aos objetos ou acontecimentos de histórias ou fabulação. Ao mesmo tempo, são objetos de acontecimentos que se tornam como tais pela criação dela. O faz-de-conta permite o desenvolvimento da evocação e da simbolização” (Macedo, p 12, 2004)

Com o PROESF acontecendo em minha vida, sabendo que meu papel agora é de agente transformadora, com tudo que o curso trazia pensei , quero fazer parte desse mundo da criança, mais a mesma se faz resistente, quando um adulto, tenta invadir o espaço de sua brincadeira, era o que acontecia eu me aproximava e a brincadeira acabava. Foi assim que tive a idéia de usar a arte para entrar no jogo do faz de conta, na brincadeira usando a arte.

A criança é curiosa, “o exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais metodologicamente “perseguidora” do seu objeto” “O exercício da

curiosidade convoca a imaginação, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser” para Paulo freire (1996) por isso ela vê a arte como um todo, como meio de saciar sua curiosidade, ela tem na arte um meio de expressão, é uma comunicação do pensamento, sentimentos, suas percepções do meio em que está inserida e acima de tudo, fazer arte é prazerosa. Ela sabe disso os adultos é que transformaram a arte em beleza visual para os seus olhos, belos objetos, belas pinturas.

Cada arte feita pela criança reflete seus sentimentos, sua capacidade intelectual, seu desenvolvimento físico, mental e motor, sua acuidade visual, seu desenvolvimento criador, seu gosto estético e até sua evolução social e afetiva como indivíduo. E se eu conseguisse despertar todos esses aprendizados em meus alunos estava satisfeita com minha mudança, com o PROESF.

Deixei de usar o mimeógrafo, objeto de trabalho até a data, indispensável e fundamental, e algumas amigas não compreendiam, como poderia dar aula sem esse objeto de tanto valor para o professor, desde infantil a superior, mais a minha necessidade de mudança não me permitia parar, porque percebi que o desenho da criança, é um ensaio para escrita, ela representa o que fala, o que imagina ao fazer um desenho ela expõe sua história, seus medos, alegrias, descobertas, e até mesmo tristezas. Para Fayga Ostrower (1993) “*criar é tão difícil como viver, e é do mesmo modo necessário.*” Não posso deixar de valorizar e aproveitar o desenho da criança, tão rico por si só, era muito mais trabalhoso criar atividades que valorizassem o desenho, então, minhas amigas nunca gostavam de minhas idéias ao contrario, sempre achavam que queria me aparecer. E quando trabalho com desenhos sem nenhum objetivo, só para pintar, xeroco os próprios desenhos de meus alunos. Durante o ano todos têm seu desenho na pasta dos amigos. Essa atividade causou muito emoção em meus alunos, além de valorizar as produções alheias, por isso continuo aplicando.

Algumas atividades são impostas, essas eu ainda não consegui abolir de meu conteúdo por serem obrigatórias para a escola inteira, páscoa, mães e

pais, todos têm que sair com o mesmo objeto, atividade na mão. Mais continuo tentando alertar a todos que não gosto de dar atividades já pronta por serem capazes de produzir.

O conteúdo é mesmo trabalhado por todas as outras amigas,, independência, coordenação motora fina (pequenos membros, mãos...), coordenação motora grossa (correr, pular, andar...), equilíbrio, ampliação do vocabulário, escrita do nome, e outros nessa idade com que eu trabalho.

O trabalho com os pais também teve que acontecer, pois se nem mesmo minha amigas de trabalho acreditavam na minha nova prática de ensino, imagine os pais. E Vygotsky (1997) afirma *“o ser humano cresce num ambiente social e a interação com outras pessoas é essencial à seu desenvolvimento.”* *“...a idéia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo”* por isso a importância de conversar com os pais e explicar para eles a minha prática pedagógica, porque assim como eu os pais são educadores responsáveis pelo aprendizado da criança.

Transformei minhas reuniões de pais e mestres, em um momento sagrado para ambas as partes, pois percebi no decorrer do curso a frustração dos mesmos quando era comentado sobre seu filho foi preciso esse banho de aprendizado, para eu ver a maldade que fazia com os pais de meus alunos ao invés de sermos cúmplices no ensinamento da criança, éramos aliados em saber quem mais tinha problemas com a criança. Piaget e Vygotsky descrevem como deve ser a relação pai e professor e a importância dessa relação no aprendizado da criança. Para Piaget *“a educação moral (é dada pelos pais e outros membros da sociedade, inclusive professores) é voltada para a criança controlar seus desejos e sentimentos em favor do grupo... o desenvolvimento moral é paralelo ao desenvolvimento do raciocínio lógico, portanto a compreensão do certo e errado se dá também através da razão.”* Vygotsky *“as funções psicológicas superiores dependem de aprendizagem, são as que envolvem, consciência, intenção e planejamento só é possível através da mediação de outros (adultos, pais, professores ou crianças maiores)”* (Fernandes,2007).Procurei textos que nos ensinavam a cuidar da criança, transformei os textos em debates, deixei de falar sobre os problemas da

criança, e quando o fiz, começaram perguntar se os filhos davam problemas, se tinham disciplina. A resposta é sempre a mesma, nada que não seja natural da idade, isso indica que a criança é normal, que acredito passar do limite chamo os responsáveis em um horário particular e discutimos sobre a criança, relacionando a mesma com a casa e a escola, e se necessário procuramos ajuda de profissionais, quando percebemos não sermos capazes de resolvermos sozinhos.

Em minha novas reuniões percebi que os pais também têm dificuldades em cuidar de seus filhos e ficam desesperados com medo de errar na educação. Deixei claro a eles, que o mesmo acontece com o professor. Houve momentos de descontração, diversão quando proporciono a oportunidade dos pais sentirem na pele, o que acontece com os filhos em sala de aula, quando eu coloco atividades que eles nunca viram, assim como, momentos de tristeza e lágrimas diante de uma situação que as fizeram refletir sobre o erro. E o melhor: hoje os pais são os meus maiores aliados, porque confiam acreditam em minha mudança.

Com meus registros, compreendi que o mundo delas é mais completo que o nosso, usam a imaginação á todo momento, com uma naturalidade que nós jamais saberíamos fazer, e que mesmo estando distante ela está em algum lugar, brincando, conversando, ela está aprendendo. Usando uma fala de Carvalho nas reuniões de pais e mestres explico aos pais a importância do brincar par o desenvolvimento da criança.

*“mesmo sem intenção de aprender, quem brinca aprende, até porque se aprende a brincar. Como construção social, a brincadeira é atravessada pela aprendizagem, uma vez que brinquedos e o ato de brincar, a um só tempo, contam a história da humanidade e dela participam diretamente ,sendo algo aprendido, e não uma disposição inata do Homem.”
(Carvalho et. AL,2003,p 21)*

4-MÃOS QUE TRABALHÃO PARA A ARTE

Em um dia desses, com meu novo modo de olhar, notei que elas gostam de transformar as coisas, estavam fazendo uma atividade com recorte de revista, e um de meus alunos se distraiu, começou amassar uma folha de revista em cima da outra, e formou uma bola. Pronto a brincadeira foi geral, chutes pra cá, chutes pra lá, e sala estava em festa, até que a bola se desmanchou, para tristeza dos participantes do jogo, foi pedida a minha ajuda na recuperação da bola; eu tinha que fazer a bola durar mais tempo, em cima de minha mesa havia um rolo de fita larga, e logo outro aluno deu a idéia de passar a fita. Para meu espanto ele pensou mais rápido do que eu, o que o levou a ter essa ação foi a necessidade de continuar sua brincadeira sem que a bola de revista desmanchasse.

Rapidamente passei a fita larga, levei todos para fora da sala, e continuamos a brincar, por um bom tempo. O interesse pelo objeto não cessava, estava ali, minha mudança radical, trabalhar com sentimento, prazer, coordenação motora fina e grossa e todos os outros conteúdos propostos pela unidade, amassando revista. As idéias começaram a fluir em meu pensamento sem parar, eu já havia visto esculturas de jornal, na sala de uma amiga, fui procurá-la na intenção de que ela me ensinasse, pois para aplicar eu tinha que fazer uma para saber com era. A explicação dela não me ajudou muito não, porque ela tinha medo do que eu queria fazer “copiar sua idéia e levar o mérito” isso porque ela não trabalhava na mesma cidade. Na maioria da vezes o professor é assim não gosta de trocar idéias, principalmente se for uma boa idéia, ele prefere guardar só para ele. Em alguns lugares que eu lecionei os professores quando trabalhavam com novidades ou atividades diferentes fechavam a porta.

Passei um fim de semana tentando várias formas de fazer a escultura; comecei aplicando na sala da forma com a que ela ensinou, fiquei vários dias enroscada na atividade. No início senti o interesse das crianças, mas depois ficou cansativo. Resolvi parar a atividade, e deixar para terminar outro dia, a obra ficou sem ser terminada, mas sabia que estava no caminho certo.

Depois de alguns meses contei a história de chapeuzinho vermelho, conversamos sobre a mesma, as crianças fizeram a releitura do livro, contando para os amigos na roda, dramatizamos, usamos um fantoche (de pano que tem os três personagens, a chapeuzinho vermelho, a vovozinha e o lobo mau, as crianças tem acesso a esse material livremente, fica em uma caixa na sala de aula), desenhamos e tentei novamente fazer a escultura de jornal.

4.1- ESCULTURAS DE JORNAL

Escolhemos um personagem por votação, a “vovozinha” ganhou e começou a escultura. Delimitei o trabalho fazendo as partes do corpo, cabeça, tronco e membros, as crianças amassavam o jornal, e colocavam dentro das partes já delimitadas, foi uma brincadeira, a aula terminou rápido nem eu e nem as crianças percebemos e no final a vovozinha estava montada, só faltava dar acabamento (pintura, e as características do personagem) as crianças estavam ansiosas para continuar no outro dia.

Enquanto o trabalho era realizado era possível observar as mais variadas situações: o envolvimento afetivo com a escultura, enquanto faziam conversavam sobre a arte, podiam ver a escultura mesmo sem ela estar formada, juntavam as partes do corpo e riam, depois discordavam do amigo percebendo as diferenças das partes, o desenvolvimento físico e motor estava garantido com a participação ativa de cada criança.

No dia seguinte partimos para a finalização da personagem, pintura, colagem de cabelo (lã). Uma criança trouxe de casa a armação de óculos, porque a vovozinha não tinha ainda um, a roupa foi confeccionada de crepom. E depois de um longo dia de trabalho a escultura estava pronta, para a felicidade de todos. Acho que tinha encontrado a paz e nesse momento tive a certeza, ao ver os olhinhos curiosos e apaixonados de meus alunos que o Sergio Leite falava em seu artigo “se o professor demonstra paixão pelo seu objeto de ensino, acaba contagiando o aluno.” Estava descobrindo que tenho paixão por minha profissão.

Tínhamos uma escultura de jornal de um metro e meio de altura na sala que era a atração, uma nova aluna, ampliei esse sentimento de cuidado, cada dia da semana uma criança levava a vovozinha para a casa com o livro de história para contar. A atividade foi bem recebida pelos pais, que contavam tudo que a criança viveu naquele dia, o relatório era para os pais observarem e descreverem a visita da vovozinha a sua casa. Como a criança aprende brincando, as palavras que encontrei no dicionário estavam completamente corretas, basta o professor querer brincar também.

“significados de brincar expressas em um dicionário , agrupando-os em uma versão positiva ou negativa,segundo os interesses da escola.No primeiro caso brincar é “distrair-se com jogos infantis, representando papéis fictícios”, “entreter-se com um objeto ou atividade qualquer (pular, correr, agitar-se), “tirar gozo, distração ou proveito, desfrutar”no segundo caso, brincar é “gracejar, fazer zombaria, debochar”, “não demonstrar interesse, não dar importância, não levar (algo) a sério, agir com leviandade ou imprudência.” (Macedo, 2004, p. 11)

Continuando a brincadeira, acreditando em minhas crianças, percebendo o valor que a vovozinha representava para a criança que a levava para casa, a felicidade que contagiava a mesma, até quem era muito vergonhosa queria falar que a vovozinha tinha dormido na cama com ela, comido na mesma mesa, havia um vínculo de amizade entre a escultura e a criança. Pensei grande, cada criança tinha que ter a sua vovozinha.

Foi um trabalho mais lento com varias etapas, primeiro se fez necessário diminuir o tamanho do personagem, eu conto uma história, escolhemos o personagem por meio de votação, fazemos bolinhas de jornal, envolvemos a bolinha com fita crepe, também faço sempre um personagem junto com a criança, depois troco com um aluno, valorizando a arte do mesmo.e são necessários duas bolinhas, corpo e cabeça, juntamos as bolas para formar o corpo, partimos para os membros, que variam de acordo com o personagem.

Hoje não há o que meus alunos não façam, com um jornal e um rolo de fita crepe, as professoras se divertem com as esculturas das crianças, minha ajuda é só pra usar a cola quente, até as diretoras já admiraram a atenção que a atividade desperta, fazendo com que crianças agitadas fiquem relaxadas. E o mais importante, elas estão livres, brincando, felizes, e no ano seguinte você nota a diferença, elas estão no mesmo nível de aprendizado que as outras, só são mais independentes, alegres e criativas. Me reporto a Rego neste trecho do memorial para percebermos que a escola tem um poder de modificar o ser humano, e se for com alegria e prazer é melhor ainda.

“Ao interagir com os conhecimentos, o ser humano se transforma: aprende a ler e a escrever, obter o domínio de formas complexas de cálculos, construir significados a

partir das informações descontextualizadas, ampliar seus conhecimentos, lidar com conceitos científicos hierarquicamente relacionados, são atividades extremamente importantes e complexas, que possibilitam novas formas de pensamento, de inserção e atuação em seu meio. Isto quer dizer que as atividades desenvolvidas e os conceitos aprendidos na escola(que Vygotsky chama de científicos) introduzem novos modos de operação intelectual: abstrações e generalizações mais amplas acerca da realidade(que por sua vez transformam os modos de utilização da linguagem).como conseqüência, na medida em que a criança expande seus conhecimentos, modifica sua relação cognitiva com o mundo. (Rego,1995,p.104)

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o PROESF aprendi a planejar minhas aulas para meus alunos, visando o futuro que desejo para elas. Deixei de questionar o pouco tempo que fico com elas, tempo que ficam com a família. Porque é o que falamos, como professores atacamos a família, dizendo que a mesma esqueceu o seu compromisso com a educação, que as elas ficam muito mais tempo com as crianças e estragam todo o nosso trabalho das quatro horas para escola resolver. Pode até ser que realmente isso aconteça. Mas sou eu como professora que tenho que mostrar a essas crianças que a vida pode ser diferente do que elas têm em casa, e que são elas que fazem a s suas escolhas para um futuro.

Sei o que tento formar cidadãos mais críticos, consciente que saiba tomar suas decisões sem serem influenciados por outros, pela mídia. Que sigam seus propósitos sem se arrepender, porque pensou antes de agir, estou formando homens pensantes, que farão deste Brasil um lugar melhor para viver.

E de minhas aulas, da minha pessoa como professora que eles guardem os dias de alegria e prazer que passamos juntos.

Obtive sucesso em minha mudança, gostei da professora que me tornei, até eu sou mais feliz, com o que consigo de meus alunos, sem cobrar, massacrar, torturar. Mas precisei entrar na faculdade, para começar a sonhar novamente, ter a necessidade de planejar, procurar o novo, estudar, compreender que mundo nunca pára. Agora juntos somos os artistas e a criança vê a arte como meio de expressão, ela sente, vivencia, modifica a cada momento. É o fabuloso espetáculo da vida.

Temos a necessidade de pensar uma escola diferente, e o começo desse pensamento é individual, cada professor tem que perceber seu erro transformá-lo em acerto, e construir através da necessidade de seus alunos como defende os postulados de Vygotsky, *“parecem apontar para a necessidade de criação de uma escola bem diferente da que conhecemos. Uma escola em que as pessoas possam dialogar, duvidar, discutir, questionar*

e compartilhar saberes. Onde há espaço para transformações , para as diferenças, para o erro, para contradições, para a colaboração mutua e para a criatividade. Uma escola em que os professores e os alunos tenham autonomia, possam pensar, refletir sobre o seu próprio processo de construção de conhecimentos e ter acesso a novas informações. Uma escola em que o conhecimento já sistematizado não é tratado de forma dogmática e esvaziado de significado.(Rego, 1995, p.118)

Para finalizar indico o curso PROESF para professores, diretores, coordenadores, orientadores para todos que direta ou indiretamente participam da vida escolar de uma criança, só assim poderemos mudar nossa forma de ensino e quem sabe um dia fazer uma escola diferente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

CHAUÌ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

CORTELLA, M.S. *A Escola e o Conhecimento Fundamentos Epistemológicos e Políticos*. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia, Saberes Necessário à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

KUPFER, Maria Cristina. *Freud e a educação. O mestre do impossível*. São Paulo : Scipione, 1992.

LEITE, Sergio. Disponível em:
www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/julho2006/ju329pag11html-34k-

MACEDO, Lino. *Faz de Conta na Escola, Pátio a Educação Infantil*. Brasil: 2006.

OSTROWER, Fayga. *Resgatando na escola o valor do desenho, criatividade é o ponto de partida*. Porto alegre: 1993.

QUINTANA, Mario. *Lili inventa o mundo*. São Paulo: Globoal, 2005.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente, O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. São Paulo: Martins Fontes, p. 141, 142 e 143, 2000.

REGO, Teresa Cristina. *Vygostsky Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, p.104,1995.

WARSCHAUER, Cecília. *A Roda e o registro, uma parceria entre professor, aluno e conhecimento*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

www.educared.org.ar/infanciaenre/elgloboarojo/piedra/2006_06/03.asp-39k-
última pesquisa 13/06/2008.

www.aoperaacabou.blogspot.com/2007/07o-brasil-como-os-demais-povos-desua-html-64k-ultima-pesquisa-05/06/2008

ANEXO – 1

ONDE TUDO COMEÇOU “CHAPEUZINHO VERMELHO” 2006 E.M.E.I. BORBOLETINHA AZUL. SUMARÉ



Foto 1: limitando as partes do corpo depois da votação para escolha do personagem a ser confeccionado, enchimento das mesmas



Foto 2: pintura das partes do personagem e montagem das mesma



Foto 3: os personagens já montados começamos com a vovozinha e quando percebi durante o decorrer do ano havíamos feito todos os personagens



Foto 4: até mesmo o lobo mau fez muito sucesso com as crianças e não tinham tanto medo do perigoso lobo, que também visitou as famílias como todos aos personagens.



FOTO 5: a participação dos pais nesse trabalho foi fundamental a mãe do Juca refez a roupa da vovozinha com T.N.T, porque a anterior de crepom se rasgou com as visitas.

ANEXO – 2

NÃO EXISTE O QUE MEUS ALUNOS NÃO FAÇAM COM JORNAL E FITA CREPE - 2007 E.M.E.I. BORBOLETINHA AZUL – SUMARÉ



FOTO 6: aqui podemos observar a concentração para rasgar e amassar



FOTO 7: a festa que a atividade promove



FOT

O 8: fantoches de jornal para trabalhar as datas comemorativas e outras



histórias



FOTO 9: as histórias e as datas comemorativas assim como todo o nosso trabalho é sempre feito com muito carinho essa é a cinderela de Nicoli uma menina muito vergonhosa junto com papai noel de jardim I B.